

EDITORIAL

FALAR É PLAUSÍVEL, PENSAR É PRECISO.

Antonio Henrique Campolina Martins

Mais uma edição filosófica se nos apresenta implementando nossa plataforma editorial. A alternância da edição filosófica com a edição jurídica, no mesmo periódico, atende à intencionalidade pragmática de uma epistemologia interdisciplinar, integrando duas áreas de conhecimento e de concentração, a saber, a da Filosofia e a do Direito. Nesta edição filosófica quer-se afirmar: pensar, mais do que plausível, é preciso. **O mundo das ideias**, desde Platão, se nos impõe e se articula, na modernidade, com a filosofia transcendental de Kant, a partir da qual, enfrenta, crítica e exaustivamente, as investidas históricas de sua desconstrução. Em nossa era, a da linguística e do analitismo filosófico, o “a priori”, do pensamento tem sido colocado em xeque; propugna-se o advento do fim da metafísica. Diante do dogmatismo do falar sobre o pensar um **novo criticismo** em prol de uma **nova síntese**, não se faria necessário?

Os artigos aqui publicados atestam a dialogicidade epistemológica para qual o pensar e o falar existem reciprocamente, não de modo virtual. A usurpação do falar sobre o pensar se transforma em monólogo (o único contexto possível é o do falar) suicida. Optamos, ao contrário, pelos dois termos autônomos, em sentido real, logicamente formulados, detentores de uma visão de mundo (“eine Weltanschauung”) com forma e sentido.

A concepção fisicalista e pós-positivista corrente, fundamentada numa certa filosofia da linguagem e numa pragmática linguística se converte, muitas vezes, em uma hermenêutica radical e onipotente, a única plausível. Só uma crítica **de dentro para dentro** é válida e aceita, naturalmente, uma questão de método. “**Concedo**” (aceito) diria um lógico medievalista, “**secundum quid**” (em parte), enquanto as exigências de uma lógica interna e de uma dinâmica intrínseca se fazem necessárias para a expressão de um pensamento (ou de uma fala) coesos; mas há que se confrontar, há que se estabelecer um diálogo com o outro lado (o do avesso) da verdade, (tal como Heidegger no-la expressa) dentro de um espírito universal. Caso contrário, corre-se o risco de um falar obtuso. A assim chamada “**filosofia continental**” (aceita como alternativa histórica pelo pensamento anglo-saxão) aí está para expressar a elasticidade de uma tradição **plurívoca** (o termo vem da linguística) sem ser **equivoca**.

Pensar só a partir do falar não nos levaria a um monismo reducionista, a um heteronomismo simplista? Por que não conviver com a dialogicidade que aceita a bipolaridade relacional autônoma como autofundante e fundadora do conhecimento?

O ser humano poderia ser definido como um mero **organismo gerador de frases**, ou existiria, por detrás desta **máquina de falar** uma consciência real e autônoma capaz de outorgar **sentido** à estrutura da linguagem ou a qualquer outra estrutura possível? Pois justo em Cambridge, o **Wittgenstein** das “**Investigações Filosóficas**” no-lo atesta, complementando o outro **Wittgenstein** do “**Tractatus**”: a linguagem assumidamente empírica pode ser lida também fenomenologicamente. Existe, pois, um lugar para a autonomia da razão. De fato, falar não é prerrogativa do ser humano, os robôs também o fazem com a mesma eficiência e eficácia, ainda que programados por uma racionalidade antropocêntrica. O “**a priori**” do pensamento, atestado desde Platão e Agostinho, é infinitamente mais plausível do que a robótica mais sofisticada. O **robô** que fala e que quer ser portador de uma identidade própria, como o produzido pela **Honda**, batizado com o nome de “**ASIMO**”, alugado na Europa por 150.000 Euros anuais, não passa de um grande cofre de memória, só confiável com o auxílio do homem.

A “**pensée vivante**” de Bergson expressa, ao contrário, uma síntese real possuindo uma autonomia única de vida e de pensamento que a robótica de ponta não atinge, nem mesmo criando e produzindo bio-robôs mediante enxertos de neurônios de ratos congelados. Será possível programar sentimentos? Falar, sim é possível, falar é mais fácil. Até agora o robô só consegue ser superior ao ser humano pela energia brutal da força. É muito pouco! Somos mais! Somos pela razão, somos pelo “logos”. **Falar é plausível, pensar é preciso!**

Boa leitura, a todos.